

ENSAIO

O texto pretende situar a passagem da crítica do esclarecimento (nas concepções do iluminismo e racionalismo) e a reflexão sobre a gênese do racismo e demais formas de discriminação, na ênfase do pensamento da Escola de Frankfurt, estabelecendo-se uma relação entre violência, tortura, vida nua e repressão da mimesis no pensamento esclarecido.

Há um trecho especialmente apropriado na obra de Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, item V do capítulo “Elementos do Antissemitismo. Limites do Esclarecimento, 1. Edição) que nos servirá de referência para o desenvolvimento das ideias .

“In verbis”:

Os proscritos despertam o desejo de proscrever. No sinal que a violência deixou neles inflama-se sem cessar a violência. Deve-se examinar aquilo que se contenta em vegetar. As reações de fuga caoticamente regulares dos animais inferiores, a formigação das multidões de insetos, os gestos convulsivos dos martirizados exibem aquilo que, em nossa pobre vida, apesar de tudo, não se pode dominar inteiramente: o impulso mimético. É da agonia da criatura, no pólo extremo oposto à liberdade, que aflora irresistivelmente a liberdade enquanto determinação contrariada da matéria. É contra isso que se dirige a idiossincrasia que serve de pretexto ao anti-semitismo (op. Cit. p.171).

A discussão dos *Elementos do anti-semitismo* através de teses, com aqui se colacionou, anunciam Adorno e Horkheimer no Prefácio da *Dialética do Esclarecimento*¹, trata do retorno efetivo da civilização esclarecida à barbárie. Há uma tendência, refletem os autores, prática à autodestruição que caracteriza a racionalidade desde o seu início. O irracionalismo é derivado da essência da própria razão dominante e do mundo correspondente a sua imagem.

O estudo se insere em uma doutrina crítica da sociedade, à luz do ideal dialético de

¹ Adorno; Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, pág. 15.

uma humanidade futura que seja livre e desalienada. Em outra: os autores conduzem uma forma de pensamento negativo tendente a desmascarar as contradições do “status quo”².

Na esteira de uma incipiente contextualização deste trabalho no estudo dos *Elementos do antissemitismo* registre-se que Adorno e Horkheimer se reportam aos modelos teóricos básicos do hegelismo, marxismo e freudismo. Da tradição hegeliano-marxista a Escola de Frankfurt extrai a noção de dialética, que interpreta e desenvolve nos moldes e na forma de uma dialética negativa³. De Freud e da psicanálise os autores abeberam-se de instrumentos conceituais para a digressão das pulsões, mimesis, morte, regressão, etc. A teoria crítica, do ponto de vista histórico, define-se aqui, em especial, sobre o triunfo do fascismo e nazismo. Acontecimento que é interpretado como manifestação diferente de uma mesma racionalidade “iluminista” que caracteriza o Ocidente e a sua lógica do domínio.

Dessume-se, na verdade, em relação à própria história da razão empreendida por Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, dois modelos de pensamento diferentes⁴: um modelo dialético lógico, nos moldes, como visto, hegeliano (*Selbstreflexion* e da *Selbstzerstörung*), segundo o qual a racionalidade iluminista (*Aufklärung*) e mitologia se negam e se pertencem mutuamente. E um segundo modelo, mais linear e histórico, pelo qual a razão esclarecida ameaça retornar, regredir na mitologia ou,

² Verbete “teoria crítica da sociedade”. *Dicionário de Filosofia*. Nicola Abbagnano. São Paulo: Martins Fontes. 2007, pág. 1128.

³ Contraponto à dialética positiva e idealista de Hegel baseada na separação entre sujeito e objeto, conceito e coisa, real e racional: “A dialética é a consciência resultante da não identidade”, ou seja, “uma negação da negação que não transpõe em posição “ (*Dialética negativa*, 1966, trad. It., Einaudi, Turim, 1982, pp 5 e 367). Este tipo de dialética sem síntese, que coincide com um pensamento respeitoso dos direitos do “particular” e do “diferente”, é o mesmo que uma filosofia contestadora do existente. Adorno considera que depois de Auschwitz a função da filosofia já não é justificar, mas criticar e incomodar. Idem nota anterior, pág 323, verbete *Dialética negativa*.

⁴ Jeanne Marie Gagnebin. *Uma filosofia moral negativa?*. Kriterion: Revista de Filosofia. Vol. 29, nº 117. Belo Horizonte. 2008.

igualmente, como descrevem os autores no Prefácio citado, na barbárie. Há, portanto, um modelo de reversão dialética e um outro modelo subjacente, o da regressão histórica. Importa anotar uma oscilação destes modelos que permeia este pensamento: o estatuto ontológico do mito e do mítico, que é incerto, oscila entre uma negação dialética da razão e uma determinação mais substancial e irreduzível (Auschwitz) que a *Aufklärung* busca extirpar.

Introdutoriamente, desta forma, estabelece-se as primeiras diretrizes no objetivo de situar a passagem da crítica do esclarecimento e a reflexão sobre a possibilidade do racismo, nazismo e do anti-semitismo no objetivo, ainda, de uma relação entre violência, tortura, vida nua e repressão da mimesis no pensamento esclarecido.

É necessário, assim e por primeiro, o entendimento da retomada e transformação da crítica platônica ao conceito de mimesis levada a cabo por Adorno, principalmente, e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*⁵.

Adorno busca na psicanálise e na etnologia o fundamento para caracterizar a mimesis como um comportamento regressivo.

Em Freud a regressão remete à pulsão morte, a um desejo de dissolução do sujeito no nada. Na obra *Além do princípio do prazer* o psicanalista procura uma indispensável legitimação junto à biologia para afirmar o caráter ontologicamente originário da morte, em relação à vida, uma vez que o *pulsional* é o signo de uma inscrição da tendência à morte no âmago de todo o ser vivente. Ou numa formulação mais radical, Freud recorre à biologia para garantir a plausibilidade da tese de uma *prioridade ontológica* da morte sobre a vida, a partir da teoria que vincula o princípio do prazer à natureza regressiva do pulsional, manifestada nos fenômenos da compulsão à repetição⁶ (conceito este que se retomará mais adiante).

Freud considera que, na ocorrência do reconhecimento explícito da morte, quando,

enfim, essa imantação radical é desvelada (uma atração irresistível para o vazio), um outro polo adquirirá uma força inusitada, qual seja, a *vida*.

Na etnologia, em especial Roger Caillois e Marcel Mauss⁷, os autores da *Dialética do Esclarecimento* extraem o conceito do comportamento mimético caracterizado como uma conduta regressiva de assimilação ao perigo, na tentativa de desviá-lo. No intuito de se livrar do medo o sujeito renuncia a se diferenciar do outro que receia para, ao imitá-lo, aniquilar a distância que os separa.

A oscilação já mencionada (entre uma negação dialética da razão e uma determinação mais substancial e irreduzível) acha-se presente, igualmente, no conceito chave de mimesis na *Dialética do Esclarecimento*⁸. Há distinção de Adorno de dois momentos conceituais na mimesis. Com efeito, a primeira mimesis, ligada à magia, ao mito, tem por objetivo a defesa do bicho homem ameaçado contra inimigos exteriores (como o Ciclope de Ulisses). Na tentativa de afastar-se do perigo o homem primitivo se assemelha ao homem, suprimindo a diferença entre si e o ambiente. É uma forma arcaica de auto-conservação: a vida paga o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto. Simultaneamente, estas práticas mágicas proporcionam prazer originado da dissolução dos limites do eu na indiferenciação da matéria (entrega aos prazeres primevos das sensações, ao lúdico). Esta dualidade dá a nota da interpretação alegórica do episódio das *Sereias*. Ulisses atravessa atado ao mastro,

⁷ Interessante anotar o significado para este autor do sacrifício e expiação de grupos. Os executores do sacrifício encontram nele sua vantagem. Eles se conferem a si e às coisas que lhes dizem respeito de perto, a força social completa. Encontram no sacrifício o meio de restabelecer os equilíbrios perturbados: pela expiação resgatam-se da maldição social, consequência da falta, e tornam a entrar na comunidade; pelas retiradas por conta das coisas cujo uso a sociedade reservou, adquirem o direito de gozar delas. A norma social é, portanto mantida sem perigo para eles, sem diminuição, para o grupo. Assim a função social do sacrifício é preenchida tanto para os indivíduos como para a coletividade. Marcel Mauss. *Ensaio de Sociologia. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício*. Perspectiva. São Paulo: 2009, pág. 227.

⁸ Idem nota 5 de rodapé.

⁵ Jeanne Marie Gagnebin. *Do conceito de mímeses no pensamento de Adorno e Benjamin*. Perspectivas, São Paulo, 16:67-86, 1993.

⁶ Oswaldo Giacóia Junior. *Além do princípio do prazer. Um dualismo incontornável. Para Ler Freud*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2008 pag. 65.

enrijecendo-se para a auto-conservação e, demais, explora os remadores.

No quinto fragmento dos *Elementos do anti-semitismo* a história de repressão desta mimesis originária - perigosa/prazerosa-esclarece a gênese de uma segunda mimesis, a mimesis da mimesis⁹, a única permitida pela civilização iluminista, que está na raiz da identificação do indivíduo como Führer, por intermédio de uma encenação coletiva, utilizando-se de uma “disciplina ritual” e de formas sempre idênticas e de repetição¹⁰ (Freud). O cerne da obediência nazista, pontua Adorno, e do ódio racista, deve ser procurado nesse núcleo originário que transforma a desagregação mimética primeva, simultaneamente ameaçadora e extática, numa mimesis segunda, definida pela rigidez da identidade e pela conseqüente exclusão do outro. Esta identificação mimética perversa precisa, para o seu sucesso completo, encontrar um objeto de execração. No caso, o povo hebreu. Ou ainda: os negros, os pobres, os presos, os homoafetivos e demais grupos sociais que são objetos de execração.

Esta repulsão incontrolável e de que não se é capaz, inclusive, de controlar em relação a algo exterior, no caso dos grupos acima mencionados, traduz-se do que Adorno considera uma justificativa: a idiossincrasia, cujos motivos remetem àquelas origens explicitadas nos momentos da proto-história biológica a que Freud se dedicou. “Sinais de perigo cujo ruído fazia os cabelos se eriçarem e coração cessar de bater”¹¹. Há, portanto e como se viu, um escape do domínio do sujeito o que o leva a uma assimilação à imóvel natureza do ambiente e só é capaz da relação mais exterior, a espacial, diz Adorno. O espaço, então, é a alienação absoluta, porquanto o humano quer se tornar como a natureza, enrijecendo-se contra ela (Ulisses atado ao mastro).

⁹ Idem nota anterior.

¹⁰ No testemunho pungente de Primo Levi, no livro *É isto um homem?*, bem se ilustra este mecanismo de repetição por meio da mesma canção tocada em horários exatos, diuturnamente, na Praça da Chamada. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

¹¹ Adorno; Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, pág. 149.

Neste passo, a civilização substituiu a adaptação orgânica ao outro pela manipulação organizada da mimesis (a mimesis, portanto, é um processo necessário à construção da civilização, mas que também oprime a possibilidade de uma convivência digna) e, por fim, na fase histórica, pela práxis racional, ou seja, o trabalho. É da condição da civilização¹², pontua Adorno, a proibição dos dominadores da mimesis prazerosa aos trabalhadores (proscrição social dos atores, ciganos, etc.). A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e os impede de se perderem nas flutuações¹³. Toda a diversão, o abandono, apresenta algo de mimético e foi se enrijecendo contra isto que o ego se forjou. É através de sua constituição que se realiza a passagem da mimesis refletora para a reflexão controlada e, destaque-se, esses mecanismos de proibição são tanto mais intensos quando tentam impedir não só a recordação do medo primitivo, mas também a lembrança dessa felicidade originária que se experimenta, como alhures se consignou, na dissolução dos limites subjetivos¹⁴.

A assimilação física, desta forma, prossegue Adorno, é substituída pela *reconhecimento do conceito*, a compreensão do diverso sobre o mesmo. A sociedade, preconiza o autor, é um prolongamento da natureza ameaçadora enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo uma auto-conservação conseqüente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza. A ciência agora é aquela repetição freudiana aprimorada como regularidade observada e conservada em estereótipos. Esta técnica, defendem os autores da *Dialética*, automatiza os processos espirituais tornando as manifestações humanas controláveis e compulsivas. Desta forma, da assimilação à natureza resta somente o enrijecimento contra ela e a proteção e rejeição hoje é dominação cega desta natureza.

¹² Grifos não do original.

¹³ *Im auf und nieder*, idem nota 4 de rodapé.

¹⁴ Jeanne Marie Gagnebin. *Do conceito de mimeses no pensamento de Adorno e Benjamin*. Perspectivas, São Paulo, 1993, pág. 75.

Os traços miméticos, para Adorno, na civilização que ascendeu a natureza, são transformados em tabus, naquele conceito mesmo psicanalítico aqui colacionado. Uma neurose obsessiva justificada pela idiossincrasia, validada por uma necessidade interior, no temor de uma possibilidade de deslocamento e contágio dos objetos proibido, criando-se práticas cerimoniais e mandamentos derivados das proibições¹⁵ e o desejo de violá-los persistindo no inconsciente, já que existe uma atitude ambivalente ao proibido: temido e desejado.

Aquilo que se repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar.

Na vida exposta a toda sorte de violência, o que desencadeia o ódio do torturador, daquele que discrimina é a identificação da sua mesma origem material, animal e desordenada com a da vítima. É a pulsão da morte atraída como se fosse necessária à manutenção da vida, no fundamento das preleções de Freud anteriormente mencionadas.

Lançadas, desta forma, tais considerações, neste passo, pode-se apreender minimamente o significado do trecho do texto sugerido, inserido no fragmento quinto do capítulo *Elementos do Anti-semitismo*: há um mecanismo de fazer aos temidos aquilo que se teme, mecanismo este nas lições de Adorno, explicado por impulsos miméticos, pelos tabus. Almeja-se no torturado ou na vítima de violência a liberdade e a cidadania de que foram retirados pelo processo civilizatório.

Exsurge mesmo das considerações até aqui alinhavadas a constatação de que mencionado processo civilizatório, a *Aufklärung*, na verdade, ao revés de oferecer uma condição humana emancipatória, acaba por engendrar o homem a uma racionalidade técnica e instrumental escravizadora.

Ao invés de ajudá-los a alcançar a tão desejada liberdade, o Esclarecimento sujeita os homens tantos aos poderes econômico-sociais, em uma lógica de domínio (Marx) quanto aos

poderes econômico-psíquicos (Nietzsche e Freud)¹⁶.

Inicialmente já se consignou que a teoria crítica, propugnada por Adorno e Horkheimer, extrai de Freud e da psicanálise instrumentos conceituais; técnicas mesmo para o entendimento do humano e da humanidade. A interpretação alegórica, não obstante desacompanhada do rigor filosófico, é “salvadora” e mais democrática¹⁷ e se insere nesta metodologia adotada pela Escola de Frankfurt. A releitura do episódio de Ulisses e as sereias talvez seja o mais emblemático do pensamento dialético de Adorno e Horkheimer.

Oportuna a citação da seguinte passagem do texto *Resistir às Sereias*.

Ulisses deve passar pelo aprendizado de inúmeras renúncias, que a sequencia dos vários episódios da Odisseia representa alegoricamente, para poder chegar a Ítaca e aí conseguir reapropriar-se da realeza, da esposa e do filho, isto é, para conseguir constituir-se em sujeito adulto¹⁸ com uma identidade assegurada. No cerne dessa história de renúncia e, simultaneamente de constituição do sujeito, o episódio das Sereias oferece como que uma condensação de todo o desenvolvimento a *Aufklärung*: “As medidas tomadas por Ulisses quando seu navio se aproxima das Sereias pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento.”

As tentativas de fundamentação e de justificação racionais das categorias políticas, sociais ou econômicas, por si só, não explicam a barbárie de Auschwitz. Não são exitosas para entender este episódio, pode se concluir na leitura do capítulo *Elementos do anti-semitismo*. Não explicam a redução à vida nua das vítimas dos campos e a crueldade dos carrascos nazistas, dos torturadores e qualquer outro agente de violência principalmente discriminatória.

¹⁵ Sigmund Freud. *Totem e tabu* (1913). Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁶ Jeanne Marie Gagnebin. *Resistir às Sereias*. Publicado na *Revista Cult*, Ano VI, no. 72, pp. 51-55

¹⁷ Idem nota anterior.

¹⁸ Grifos não são do original.

Depreende-se, ainda, da análise de Adorno, que nada adianta, igualmente, a construção de um edifício normativo na tentativa de impedir este horror.

Sob este ponto de vista jurídico, parece ser também o entendimento de Giorgio Agamben¹⁹. A este autor de nada serve apelar ao caráter sagrado da vida como o núcleo de um direito fundamental, visto que a autoridade do poder do Estado se constitui e se consubstancia, justamente, ao traçar a partilha entre a vida que merece viver e aquela que pode ser exterminada (*homo sacer*). O Estado Moderno, construído na ascendência da racionalidade iluminista parece, de um lado, ser um protagonista de conquistas no patrimônio da história da humanidade porque inseriu nos ordenamentos jurídicos internacionais e nacionais, a proteção individual dos direitos fundamentais unificados pelo valor da pessoa humana, da sua dignidade (art. 1º da Constituição Federal Brasileira) e, no entanto, este mesmo Estado, está imbricado na ambigüidade e essência da condição matável e insacrificável do *homo sacer*. Segundo Agamben, vivemos sob um regime biopolítico cada vez mais recrudescido e saturado, no qual a dinâmica da proteção e destruição da vida por meio de sua inclusão e exclusão do aparato jurídico regulado pelo poder soberano ameaça chegar ao ponto máximo, o que permite a seguinte conclusão: todos nós somos, potencialmente, homens matáveis e insacrificáveis (que não deve ser colocado oficialmente à morte).

O fato é que, de qualquer forma, revelou-se inútil afastar e solapar este impulso mimético de que ao longo do trabalho se tratou, que é precípua dos seres humanos e da civilização, como se viu, e que resvala invariavelmente na animalidade e no sofrimento.

Na esteira adorniana de pensamento, talvez o aprendizado do homem, no esteio da alegoria do amadurecimento de Ulisses, é o da premência do acolhimento de seu lado sombrio para integrá-lo à convivência humana. É necessária, desta forma, uma reunião das conquistas do espírito e da vulnerabilidade humana da existência orgânica. A conjugação

¹⁹ Giorgio Agamben. *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

da *bios e da zoé*. Papel, segundo Schweppenhäuser e G. Schmid Noerr²⁰, do impulso moral²¹.

É possível que seja esta a máxima extraída da experiência dos campos de concentração. O mais assustador: na linha de pensamento de Walter Benjamin, Giorgio Agamben observa que, em nosso tempo, o estado de exceção se tornou a regra podendo-se observar, dos contextos políticos de vários países, uma verdadeira convergência entre os regimes totalitários e democráticos pelo seu quase idêntico tratamento ao homem²². Veja-se, neste sentido, a prisão mantida pelos Estados Unidos da América em Guantânamo e o tratamento penitenciário dispensado aos segregados na China. O paradigma do campo de concentração, desta forma, é muito mais atual do que se imagina.

Adorno, no texto *Educação após Auschwitz*, indica, dentre outros, a contraposição ao poder cego do coletivo, fortalecendo a resistência por meio do esclarecimento do problema da coletivização como forma mesmo de enfrentamento e de se evitar a repetição dos campos.

Igualmente à Giorgio Agamben, as tentativas de fundamentação e de justificação tradicionais não são satisfatórias para entender o maior campo de concentração de Hitler. Em sua obra *O que resta de Auschwitz*²³ Agamben investiga as dificuldades do testemunho de Primo Levi em um espaço em que não há qualquer referência básica de humanidade, em uma anomia absoluta em cujo contexto a vida não é preservada.

Além do significativo testemunho neutro de Primo Levi e da ausência da linguagem nas figuras dos “muçulmanos” a relevância do trabalho de Agamben é, na esteira do pensamento da experiência e amadurecimento da civilização, o de *repensar o papel da ética* no combate a todas as formas de discriminação, racismo e preconceito.

²⁰ Jeanne Marie Gagnebin. *Uma filosofia moral negativa?*. Kriterion: Revista de Filosofia. Vol. 29, nº 117. Belo Horizonte. 2008.

²¹ Conceito, conquanto instigante, merecedor de um desenvolvimento próprio, do qual não se ocupará, em razão da proposta inicial do trabalho.

²² Idem nota 18 de rodapé.

²³ Boitempo Editorial. São Paulo. 2008.